

AÇÃO EDUCATIVA E CULTURAL EM MUSEUS COMUNITÁRIOS: O CASO DA LOMBA DO PINHEIRO

Coordenador: ANA MARIA DALLA ZEN

Autor: MÁRCIA ISABEL TEIXEIRA DE VARGAS

Este trabalho se propõe a dar início a uma reflexão teórico-metodológica em torno das práticas de ação cultural e educativas do Programa Lomba do Pinheiro, Memória, Informação e Cidadania, fundamentado nas idéias de Paulo Freire (2007), Teixeira Coelho (1986) e Dalla Zen (2004). A meta é reunir subsídios para a constituição de uma linha de pesquisa sobre ação cultural e educativa em museus comunitários, fundada nos princípios da Nova Museologia, na perspectiva de Santos (2009). Nessa linha teórica, prevê-se que, através da ação cultural e, por conseqüência, da ação educativa, todas as pessoas envolvidas no processo possam ser agentes de transformação do meio em que vivem, bem como ampliar os campos de visão e singularidades de cada um, e, assim, modificar o rumo da própria vida em sociedade. Nas ações propostas, os integrantes da equipe atuarão em diferentes focos da ação museal, incluindo a administração, gestão e conservação da memória e do patrimônio da comunidade e a montagem de museus de rua, para circular em no bairro. Para isso, foram estabelecidos processos de comunicação com a comunidade, através de reuniões para planejamento, definição de metas e, especialmente, trocas de saberes, centradas na idéia de que o foco de todas as decisões são as narrativas dos sujeitos em torno de suas próprias histórias de vida no bairro. O projeto pressupõe e respeita a idéia de que cada indivíduo traz consigo suas próprias raízes, suas formas de vida e estratégias de sobrevivência, o que se constitui num patrimônio que não pode ser esquecido. Considera também que o planejamento participativo permite que as propostas não sejam definidas por pessoas externas ao grupo, cujas vivências, muito distanciadas daquela realidade, poderiam ignorar elementos significativos da vida no bairro. Em síntese, acredita que a ação cultural refere-se a um movimento de transformação, que é exercida na medida em que os sujeitos se tornam agentes de suas próprias vidas. A cultura, nesse sentido, representa a vida, os costumes, as crenças e as idéias da comunidade. E, na união entre os significados dos conceitos de ação e de cultura, acredita-se ser possível transformar cada pessoa em sujeito de sua própria vida, dentro de um processo de planejamento comunitário orientado para o desenvolvimento e a mudança social do bairro, identificado como um dos mais carentes da cidade de Porto Alegre. Teixeira Coelho (1986) destaca que a ação cultural não tem começo nem fins nitidamente demarcados.

Desse modo, as ações aqui relatadas não pretendem gerar produtos acabados, em tempos e durações pré-determinados. Ao contrário, elas sugerem a constituição de uma cadeia de ações, cujos resultados finais são imprevisíveis. O sucesso dependerá da apropriação que a comunidade fizer do processo iniciado. Uma ação educativa constitui-se de um caminho onde ninguém aprende sozinho. Exige uma troca de saberes em que o aprender consiste num processo de desafio muito pessoal, que traz em si a observação e a interação entre o meio, as pessoas, as experiências e vivências de todas as pessoas envolvidas. À medida que o indivíduo se insere num grupo, cujos membros têm necessidades e objetivos em comum, a troca de experiências de vida se transforma numa estratégia para atingir as metas construídas coletivamente. De acordo com as diretrizes teóricas da ação cultural, os sujeitos ampliam o seu campo de perspectiva. Desse modo, as problemáticas pessoais, em função do compartilhamento das necessidades, saberes e fazeres tornam-se sociais. As atividades de ação cultural e educativa propiciam o surgimento de processos mais dinâmicos da vida em comunidade. Flexíveis e abertos, a ponto de mudar a todo o tempo. A vida muda, alteram-se as perspectivas do grupo, nascem novas necessidades, criam-se novas utopias. Neste projeto, as ações educativas centralizam-se no registro da história tanto na organização, quanto da luta das famílias que constituem a comunidade, incluídas aí a organização comunitária, as lutas das famílias pela ocupação do espaço urbano, as capacidades de resistência e de resiliência, os momentos de esperança e de desalento. Conclui-se que a ação cultural, assim realizada, permite mudanças radicais na realidade, cria mecanismos novos de sobrevivência e de esperança, ao considerar a importância do pensar, agir, criar, sonhar, aprender e ensinar de cada sujeito como referências para a criação do repertório cultural do grupo. Acreditamos que o agente cultural e educativo acredita e busca uma educação transformadora, da imagem de um ser humano apenas receptor para propor que este ser seja capaz de apropriar-se de sua história, lugares, objetos e saberes e possa tornar-se um ser humano mais feliz.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Ação Cultural para a Liberdade. São Paulo: Paz e Terra, 2007. .

DALLA ZEN, Ana Maria. Entre a aparência e a essência ou da animação à ação cultural. IN: MORIGI, V.J e MACHADO, Márcia (Org.) Comunicação e práticas culturais. Porto Alegre: editora da UFRGS, 2004. .

SANTOS, Maria Célia. Museus e educação: conceitos e métodos. Documento eletrônico. Disponível em : http://www.rem.org.br/download/MUSEU_E_EDUCACAO_2.pdf. Data de acesso: 20 de julho de 2009. .

TEIXEIRA COELHO, José. Usos da Cultura Políticas de Ação Cultural. São Paulo: Paz e Terra, 1986. .